

# NA FRONTEIRA DOS ESTEREÓTIPOS: A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA LENITA EM *A CARNE*, DE JÚLIO RIBEIRO

Lucineide Gonçalves Aguiar Caballero (PPGEL/UNEMAT)  
Samuel Lima da Silva (PPGEL/UNEMAT)

## RESUMO

O presente trabalho intenciona realizar um breve estudo analítico literário da representação da personagem feminina Lenita, do romance naturalista *A Carne* (1888), de autoria de Júlio Ribeiro. Lenita apresenta traços de subversão a alguns padrões tradicionalmente tidos como femininos, conformando, assim, um viés paradoxal à protagonista, tanto em relação às representações ficcionais femininas do período, quanto à mulher da sociedade brasileira do final do XIX.

**PALAVRAS-CHAVES:** *A Carne*; Romance; Representação; Personagem feminina.

## ABSTRACT

The present work intends to carry out a brief literary analytical study of the representation of the female character Lenita in the naturalist novel *A Carne* (1888) by Júlio Ribeiro. Lenita presents traces of subversion to some traditional standards considered feminine, thus forming a paradoxical bias in the protagonist both in relation to the fictional female representations of the period and the women in Brazilian society at the end of the 19th century.

**KEYWORDS:** *A Carne*; Novel; Representation; Female character.

*Dou voz liberta aos sentidos  
Tiro vendas, ponho o grito  
Escrevo o corpo, mostro o gosto  
Dou a ver o infinito*

*(Maria Teresa Horta)*

## NA CARNE E NO ROMANCE: *FORMAS DE REPRESENTAÇÃO*

O romance *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro, foi publicado no final do século XIX, o qual foi marcado por profundas transformações nas estruturas sociais e econômicas, em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil. Importante destacar que o país, nesse período, foi cenário para importantes fatos históricos, políticos e sociais, sendo o romance em questão bastante polemizado pela sociedade da época por tratar de temas como o divórcio, questionamentos sobre a posição e educação da mulher, no Brasil do final do século XIX, bem como nudez, sexualidade e prazer feminino.

A obra pertence ao Naturalismo brasileiro, movimento literário do final do XIX, que buscava manifestar, por meio da literatura, a condição humana, a partir de concepções científicas do período, sendo algumas de suas características a representação fiel do que é observado na sociedade da época, as influências que o meio exerce sobre as personagens, e redução ao mínimo da idealização amorosa, como é mostrado no romance *A Carne*.

Sabemos que o romance, enquanto gênero, é campo fértil para a difusão da prosa da vida cotidiana e social, pois, segundo Bakhtin (1993), a atualidade é ponto de partida, bem como as pessoas de uma determinada época e suas opiniões. Ainda na perspectiva do teórico e tratando das características do romance, uma das formas de organização do plurilinguismo no gênero é o “discurso de outrem na linguagem de outrem, que serve para refratar a expressão das intenções do autor” (BAKHTIN, 1993, p. 127). Dessa maneira, trata-se de diferentes vozes que se cruzam e coexistem, ora apoiando-se, ora contrapondo-se. Sob esse ângulo, analisaremos a representação da personagem Lenita na obra, sendo oportuno um breve olhar sobre a representação feminina na literatura.

Ao longo da história literária, a mulher, inicialmente descrita apenas por meio do olhar masculino, foi representada de diversas formas. Segundo Coelho (2000), na perspectiva da memória cultural, a mulher tem sido peça-chave para a organização e equilíbrio social, desde a mítica Eva, que, ao seduzir Adão, provocou a perda do Paraíso, à mulher inacessível na Idade Média configurada nas cantigas trovadorescas. Durante o Renascimento, em

contraponto com a imagem de Eva, a figura feminina foi associada à da Virgem Maria, dando ênfase às características da pureza e da maternidade. O ideal de beleza e feminilidade associado à fragilidade da mulher, tão disseminado no período do Romantismo, fez com que a sua representação ficcional diferisse da realidade, como assevera Woolf (1928, p. 56):

De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa da maior importância: muito versátil; heroica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto o homem e até maior, para alguns. Mas isso é a mulher na ficção. Na realidade, como assinala o professor Trevelyan, ela era trancafiada, surrada e atirada no quarto.

A partir do século XIX, com o Realismo, a imagem da mulher na ficção foi aos poucos se modificando, e expondo as condições nas quais a mulher vivia e como era vista na e pela sociedade. É importante mencionar que, no Brasil, é a partir desse período que encontramos as primeiras escritas de mulheres, daquelas que desejaram ser mais do que personagens literárias, cabendo a elas falar de suas próprias subjetividades. Sobre esse processo de escrita realizado pela mulher, Norma Telles assinala que, inicialmente, elas “tentaram se livrar da tirania do alfabeto, tendo primeiro que aprendê-lo para depois deslindar os mecanismos de dominação nele contidos” (2022, p. 410). Sem acesso ao ensino superior, numa época em que se valorizava a erudição, era preciso escapar dos textos masculinos. Para isso, tiveram que rever tudo o que era escrito sobre elas, tanto em romances, quanto em outros tipos de livros, sendo, muitas vezes, até influenciadas por eles em suas escritas, para, aos poucos, encontrarem sua própria forma de expressão ficcional.

O teórico Bakhtin (1993), ao levantar algumas ideias relativas às características do romance do século XVIII, afirma que tanto no sentido épico quanto trágico da palavra, a personagem não deve ser heroica, mas, sim, reunir traços positivos e negativos, assim como inferiores e elevados e, até mesmo, cômicos ou sérios. Ou seja, é no romance que encontramos personagens com características mais individualizadas, não mais genéricas e de tradição coletiva dos tempos remotos da literatura, mas particularizada em cada momento histórico.

Em relação à Maria Helena Matoso (chamada de Lenita no decorrer do romance), encontramos uma personagem que traz não apenas a sua individualidade, enquanto representação ficcional da mulher de uma determinada época, mas que edifica traços de subversão a alguns padrões relativos à tradicional feminilidade existente em romances anteriores, conformando um viés paradoxal à personagem, tanto para a figura feminina, que

vinha sendo descrita em grande parte da literatura, até o momento, como para a maioria das mulheres da sociedade brasileira do período.

A personagem Lenita rompe com a imagem da mulher como um ser submisso, frágil e romântico. E, ainda, diferentemente de Emma Bovary de Flaubert, que “procurava saber o que significavam exatamente na vida as palavras “felicidade”, “paixões” e “embriaguez de amor”, que lhe haviam parecido tão belas nos livros” (1998, p. 40), ela não idealiza o amor, não é romântica e sonhadora. Esse traço romântico é, desde o início da narrativa, distanciado da personagem e da própria obra, pois a palavra amor é vista como “um eufemismo para abrandar um pouco a verdade ferina da palavra cio. Fisiologicamente, verdadeiramente, amor e cio vêm a ser uma coisa só” (RIBEIRO, 1888, p. 68).

A imagem de transgressão dada à personagem é também fortalecida na narrativa, por meio de trechos que apresentam uma contraversão nas funções sociais tradicionalmente desempenhadas. Pode-se observar essa inversão de papéis já no início da narrativa, pois, após a morte da mãe, o pai leva Lenita para um sítio e sua criação é de responsabilidade dele, que prima pela educação da filha, dando-lhe acesso a várias áreas do conhecimento, destacando sua formação intelectual.

A exímia e privilegiada educação dada à Lenita fora possível mediante a ficção, diferentemente do que ocorria com as mulheres brasileiras do final do século XIX. Cabe refletir se há uma perspectiva um tanto irônica do autor, em relação à educação dada às mulheres, e a considerar o contexto patriarcal da época, em que o acesso das mulheres à educação era restrito, sobretudo àquelas de classe social baixa. Na direção contrária, aquelas pertencentes à burguesia podiam conseguir esse acesso, por meio de aulas particulares, tendo mais tarde o ingresso aos cursos normais, conforme afirma Louro (2022, p. 446):

Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente.

No entanto, essa educação não visava à autonomia e à independência feminina, pois os cursos eram voltados para as atividades domésticas e habilidades artísticas no geral, ou seja, o destino era o domínio da casa.

Dando sequência à narrativa em questão, ao retornarem para a cidade, Lenita “começou a aparecer, a distinguir-se na sociedade”, não apenas por sua inteligência e demonstração de conhecimentos, mas também por sua modéstia, que escondia com “arte infinita a sua imensa superioridade”. Naturalmente, os pedidos de casamento começaram a surgir, e Lenita recusava a todos, o que leva o seu pai a argumentar que o “casamento é uma necessidade, já não digo social, mas fisiológica” (RIBEIRO, 1888, p. 03).

Por meio das palavras de Lopes Matoso, a narrativa demonstra que o casamento, antes de ser uma convenção social, é visto como uma necessidade física, d*A Carne*, ressaltando o aspecto biológico, característica destacada pelo Naturalismo e enfatizada ao longo de todo o romance.

Embora o casamento não fosse prioridade ou desejo de Lenita, em uma conversa com o pai, a personagem, ao mencionar uma hipotética escolha de um marido, se coloca na mesma posição dos homens; que, segundo ela, buscam uma mulher inferior com relação ao conhecimento e ao intelecto, e assim faria ela, pois “se os tais senhores grandes homens escolhem quase sempre abaixo de si, por que eu, quê, na opinião de papai, sou mulher superior, não faria como eles, escolhendo marido que me fosse inferior?” (RIBEIRO, 1888, p. 04). Neste trecho, fica evidente que a personagem tem consciência da sua capacidade intelectual, o que, segundo ela, dá-lhe o direito de colocar-se no mesmo patamar dos homens, sendo “igual” a eles em relação à escolha de um suposto companheiro.

Aos vinte e dois anos de idade, após a morte do pai, e, emocionalmente abalada por esse evento, Lenita toma a decisão de passar um tempo na fazenda do antigo tutor do pai, coronel Barbosa. Aos poucos, ela foi se adaptando à vida na fazenda; ambiente este que é minuciosamente descrito pelo narrador, bem como as implicações desse meio no estado físico e emocional da protagonista. É nesse espaço que ocorre uma transformação pessoal na personagem, após sua primeira crise histerica. A partir disso, em diversos momentos da narrativa, sua razão e seu autocontrole passam a ser dominados e, portanto, substituídos pela emoção e pelos instintos físicos, pois “sentia-se outra, feminizava-se. Não tinha mais gostos viris de outros tempos, perdera a sede de ciência: entre os livros que trouxera procurava os mais sentimentais” (RIBEIRO, 1888, p. 07).

A trama ganha novas perspectivas com a chegada do filho do coronel, Manuel Barbosa, um homem divorciado e mais velho. A convivência faz com que admiração e afeição entre ambos cresçam, bem como as afinidades que compartilham, dentre elas, a paixão pela ciência, sobretudo às teorias darwinistas. Lenita encontra em Manuel, além de

companhia, traços de proteção e admiração. Entre leituras, passeios e caçadas, as quais eram lideradas por Lenita, eles se apaixonam, porém Manuel tenta reprimir seus sentimentos, pois considerava ser impossível assumir uma relação amorosa com uma jovem que tinha idade para ser sua filha; e, principalmente, por ser um homem divorciado. Nesse aspecto, podemos entrever, no início da narrativa, a revalidação de alguns estereótipos, como o homem representando a razão; e a mulher sendo dominada pela emoção. A trama reforça esses contornos na protagonista de *A Carne*, uma vez que a personagem não demonstra domínio de seus desejos, os quais, em alguns trechos, são transformados em obsessão. Inclusive, é ela quem tem a iniciativa para a consumação da paixão entre eles e é incisiva, num dado momento, em que Barbosa, tomado pela razão, repensa e afasta Lenita, como pode ser observado, a seguir:

Deu-se uma inversão de papéis: em vista dessa frieza súbita, desse esmorecimento de carícias, cuja causa não podia compreender, nem sequer suspeitar; no furor do erotismo que a desnaturava, que a convertia em bacante impudica, em fêmea corrida, Lenita agarrou-se a Barbosa, cingiu-o, enlaçou-o com os braços, com as pernas, como um polvo que aferra a preia; com a boca aberta, arquejante, úmida, procurou-lhe a boca; refinada instintivamente em sensualidade, mordeu-lhe os lábios, beijou-lhe a superfície polida dos dentes, sugou-lhe a língua [...] (RIBEIRO, 1888, p. 71).

Nesse trecho, a personagem Lenita é descrita como uma mulher voluptuosa; e, mais do que isso, que acata e obedece à ânsia de seu corpo, de *A Carne*. A narrativa é ousada e rica em detalhes, fato este que chocou a sociedade, sendo a obra alvo de diversas críticas, por questionar a tradição religiosa e a moral, em que a sexualidade da mulher era vista apenas para reprodução, sem levar em consideração seus desejos.

A historiadora Norma Telles (2004) afirma que, nas últimas décadas do XIX, difundiu-se, na Europa e América do Norte, a ideia da *Nova Mulher*, como aquela que pretendia ser sexualmente mais independente, tendo maior acesso à educação, e que criticava a insistência da sociedade no casamento, dentre outras características. Assim a *Nova Mulher* também acordou as vozes do conservadorismo. No Brasil, essa ideia, que já estava sendo disseminada entre as mulheres, encontrou muita relutância por parte dos homens, pois o discurso dominante reforçou os estereótipos antigos, enfocando os perigos dessa transformação para a sociedade. É possível perceber algumas das características, mencionadas pela historiadora, refletidas na personagem Lenita, a exemplo disso, a vivência da sexualidade pelo prazer, como demonstrado na passagem do romance acima. No entanto, é

também perceptível, na obra, alguns estereótipos reforçados, como a reprodução da histeria na personagem.

Em *História das mulheres do Brasil* (2004), a historiadora Magali Engel informa que a medicina da época caracterizou a histeria como sintoma da fragilidade psicológica feminina, sendo o casamento e/ou a realização da maternidade a solução defendida por vários médicos e higienistas. Já Norma Telles mostra como a literatura, nesse período, contribuiu para o fortalecimento desses estigmas, conforme a passagem:

Em geral, as personagens históricas são enfermas, órfãs de mãe, e é sugerido que a causa da enfermidade é a quebra do quadro familiar. A cura está no casamento, na procriação, na aceitação das normas institucionalizadas. Os traços que estigmatizam a histórica na sociedade da família, do casamento e da maternidade higienizada são sua orfandade, isto é, a falta de um modelo feminino e o fato de serem solteiras e fogosas (TELLES 2022, p. 430).

Nesse sentido, em *A Carne*, Lenita, ao se enredar num caso amoroso proibido, se torna a representação literária da mulher burguesa, que é desinibida, dona de seu corpo e de seus desejos. Porém, Ribeiro, no início da trama, ao abordar os desejos eróticos e reprimidos da personagem, imprime nela a histeria, mostrada como um traço patológico feminino, reforçando, assim, algumas ideias relativas ao determinismo biológico, sendo o casamento e a maternidade a solução para a sexualidade aflorada.

Convirá fazer uma distinção das reações de Lenita e Manuel Barbosa com o fim do romance entre eles. Lenita, ao descobrir, inesperadamente, recordações de antigas amantes de Barbosa, a princípio, sofre; mas, depois, é tomada pela razão, tal como pode ser notado na passagem, a seguir:

“Que era aquilo? perguntou-se a si própria. Pois ela era mulher para chorar, para carpir-se, como qualquer criadinha de servir, violentada pelo filho da patroa? Não! Caíra, mas caíra vencida por si, só por si, por seu organismo, por seus nervos. O homem não entrava em linha de conta, não passava de mero instrumento: fora Barbosa; poderia ter sido o administrador, poderia ter sido o velho coronel. Enquanto quisera, gozara; estava saciada [...]” (RIBEIRO, 1888, p. 83).

De acordo com esse trecho, depreende-se que Lenita, por meio do uso da razão, se coloca como protagonista de seus atos, conscientemente admite que vivencia aquela situação por escolha própria. Diferente de Barbosa que, em diversos trechos, expressa um certo grau de culpabilidade por Lenita tê-lo seduzido, pois “Ela o provocara, ela se lhe oferecera, ela o procurara, ela se lhe entregara, ela se prestara a todos os seus caprichos, mansa, dócil, submissa, para depois assim abandoná-lo, a sós com as lembranças, entregue à tortura da saudade!” (RIBEIRO, 1888, p. 86). Essa marca de culpabilidade é inclusive demonstrada no



desfecho da narrativa por outras personagens, como o pai de Barbosa, que responsabiliza Lenita pelo o que ocorrera a seu filho.

Outro ponto importante da obra a ser refletido é o casamento. Sabe-se que, devido ao contexto da época, a ideia de preservar a honra e a pureza até o casamento ainda era disseminada; ao contrário disso, Lenita rompe esse requisito se entregando aos prazeres de *A Carne*. Entretanto, ao final do romance, a personagem se vê enredada pela necessidade social do casamento, o que redireciona à mulher o estigma da estabilidade por meio do matrimônio. Situação semelhante encontramos no desfecho do romance *A Normalista* (1893), obra também naturalista, do autor Adolfo Caminha, na qual são abordados temas relacionados à sexualidade, incesto, tradições familiares, entre outros; e, nesse caso, o casamento também surge como meio de aceitação da mulher na sociedade.

Nessa narrativa, a protagonista Maria do Carmo, órfã e possuidora de grande beleza, é constantemente perseguida e assediada pelo padrinho, do qual depende financeiramente. Diante de tamanha perseguição, Maria do Carmo acaba cedendo às chantagens e carícias do padrinho, resultando em uma gravidez indesejada. Lê-se na obra (CAMINHA, 1985, p. 85):

Sem o saber, João da Mata encontrou a afilhada numa dessas extraordinárias predisposições de corpo e alma, em que, por mais forte que seja, a mulher não tem forças para resistir às seduições de um homem astuto e audacioso. Conhecia suficientemente o gênio de Maria — nada mais, e isto lhe bastava para que a vitória fosse certa, infalível.

Nesse caso, diferentemente de Lenita, Maria do Carmo é descrita como uma personagem inocente e passiva diante dos desejos do padrinho. E, sobre a situação de abuso, claramente descrita, é reproduzida a ideia de que uma mulher jovem não resiste às investidas de um homem mais experiente. No final da trama, após o isolamento social e a morte do filho, durante o parto, Maria do Carmo encontra no casamento não só a restauração de sua moral, mas, também, a aprovação da sociedade: “E Maria do Carmo, agora noiva do alferes Coutinho da polícia, via diante de si um futuro largo, imensamente luminoso, como um grande mar tranquilo e dormente” (CAMINHA, 1985, p. 136).

No confronto entre os dois romances, percebemos certa semelhança no desfecho; e, ainda, que Lenita, ao descobrir-se grávida, assume as rédeas de sua vida, demonstrando autonomia na busca de soluções para a sua situação. Em virtude do contexto moralista, também se rende ao casamento, reforçando, assim, o fato de que a mulher daquela época, especialmente a das classes mais privilegiadas, para ser aprovada socialmente, precisava do casamento e da companhia de um homem.

O desfecho de Manuel Barbosa também marca a linha da inversão de papéis tradicionais, sinalizada ao longo deste texto. Pois, se, por um lado, Lenita faz uso da razão e volta para São Paulo em busca de um pai para seu filho, tendo em vista que um homem divorciado não poderia se casar com ela; por outro, coube a Manuel o desenlace trágico, movido pela emoção, buscando no suicídio o alívio para sua dor, semelhante à Emma Bovary. A possibilidade do suicídio, inclusive, foi considerada por ele em outros trechos da trama, mas que, ao fim, foi levada a termo: “E ele morria, por amor dessa mulher, morria porque ela lhe quebrantara o caráter, morria porque ela o prendera nos liames da carne, morria porque sem ela a vida se lhe tonara impossível [...] Covarde” (RIBEIRO, 1888, p. 93).

Ao observar as palavras de Manuel Barbosa, num primeiro instante, é possível associá-las ao romantismo “morrer por amor”; mas, em uma análise mais atenta, novamente nota-se uma responsabilização de Lenita por suas ações, fazendo da protagonista, de certa forma, culpada pela morte do amante. Desse modo, há um jogo paradoxal no romance que, ao configurar à mulher atitudes racionais, tenta demonstrar os riscos dessa tomada de consciência.

Para Brandão (2004), a representação da mulher na literatura, por autores homens, é reflexo da construção imaginária que o próprio homem faz, em decorrência de uma masculinidade sintomática, em que o fascínio reside, justamente, em fazer coincidir, ilusoriamente, a realidade com a miragem. Entendemos que essa afirmação da estudiosa caminha em consonância ao que Bakhtin (1993) também assinala, a respeito do cruzamento das vozes no romance, as quais servem como via de manifestação da expressão das intenções do autor. Desta forma, a personagem Lenita materializa-se enquanto reflexo do desejo do autor, o que se caracteriza em muitos trechos como um tipo sem correspondência com o vivido.

É inegável que o romance *A Carne* coloca em pauta temas acerca da educação e a sexualidade da mulher, trazendo-os para a reflexão sobre o feminino da época. Ao apresentar uma personagem transgressora, que conduz uma inversão dos papéis tradicionalmente dados ao sujeito feminino, o romance escrito por Ribeiro constrói a imagem literária de uma mulher que difere tanto das representações ficcionais como da mulher da sociedade do final do século XIX. Porém, é uma visão permeada pelo crivo masculino, que tanto desestrutura, quanto reforça certos estereótipos em torno da imagem da mulher.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. 3ª. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. 8ª. ed. São Paulo: Ática, 1985.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

ENGEL, Magali. **Psiquiatria e feminilidade**. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 10ª. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Trad. Sérgio Duarte, Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

HORTA, Maria Teresa. **As palavras do corpo (antologia de poesia erótica)**. Publicações Dom Quixote, Cidade de Córdoba, Portugal, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

RIBEIRO, Júlio. **A carne**. São Paulo: Martin Claret, 1999.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1928.

TELLES, Norma. **Escritora, escritas, escrituras**. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 10ª. ed. São Paulo: Contexto, 2022.